

NATURALIZADA, PRESENÇA DE PM NA USP APARECE COMO ÚNICA SOLUÇÃO

Por **Guilherme Zocchio**
e **Rute Pina**

Quinta-feira, 21h30, na Cidade Universitária – *campus* da Universidade de São Paulo (USP), na região do Butantã, na zona sul da cidade. Nesse momento, uma aluna do curso de comunicação comenta com colegas: “Acabei de saber que mataram um cara na FEA (Faculdade de Economia e Administração). E agora o medo de voltar para casa?”. O ocorrido, o assassinato de Felipe Ramos de Paiva, de 24 anos, estudante do curso de Ciências Atuárias, foi confirmado; repercutiu em vários jornais; e trouxe mais uma vez à tona o recorrente debate sobre a segurança de um dos maiores complexos universitários do Brasil.

De imediato, a solução do problema não poderia ser mais pragmática: a Polícia Militar do Estado de São Paulo (PM) iria atuar em conjunto com a Guarda Universitária (GU) – até então o principal órgão responsável pela segurança – para fazer a vigilância do *campus* Butantã. Unidas, caberia a cada uma desempenhar um papel diferente nessa tarefa: a GU cuidaria de coibir possíveis ações criminosas, enquanto que a PM ficaria responsável pelas prisões em flagrante e vigilância, com barricadas e *blitzes* por toda a área da Universidade. “Em síntese, a Guarda Universitária vai trabalhar a prevenção e a PM, a reação”, diz Adilson Carvalho, superintendente de segurança da USP, em entrevista ao *Jornal da USP*.

Já se foram, até o fechamento desta edição do **Contraponto**, mais de dois meses desde o assassinato de Ramos de Paiva, e, por toda a USP, a presença da PM já é vista quase como natural. Um grande medo que paira entre estudantes, funcionários e professores, por outro lado, é se a presença da Polícia já não facilitaria, assim que deflagrada alguma greve, protesto ou movimentação contrária à atual direção da Universidade, um meio rápido e simples de repressão contra qualquer forma de organização política contestadora ao *status quo* naquele lugar. Uma nota divulgada no portal do Sindicato dos Trabalhadores da USP, intitulada “Mais vítimas na USP” [vide *box*], contesta a existência de outras vítimas de violência na Universidade, para além do assassinato do estudante de Atuárias.

Após morte de estudante em pleno campus universitário, medidas “pragmáticas” norteiam a política de segurança da maior Universidade do país



Reprodução

Vista panorâmica do campus da Universidade de São Paulo, na capital

Enquanto contestação, vale lembrar que a presença da PM na USP só é referendada pelo fato de esta ser uma universidade estadual. No caso de Universidades Federais, por exemplo, a atuação desse corpo policial é proibida, já que estas instituições estão sujeitas ao regimento federal. É no mínimo contraditório também que um dos corpos de segurança mais responsáveis por assassinatos no mundo inteiro, a própria Polícia Militar do Estado de São Paulo seja responsável por, na USP, “desenvolver novos tipos de abordagem [policial]”, como diz o professor José Sidnei Colombo, coordenador do *campus* da capital da USP, o qual insiste em entrevista ao *Jornal da USP*: “Haverá uma fase pedagógica de assimilar essa convivência com a Polícia. Uma ou outra reação que ainda existe é por se achar que muita coisa vai mudar, quando o espírito é aumentar a proteção às pessoas”.

Mas essa contradição se torna ainda mais latente segundo dados levantados pela Secretária de Segurança Pública de São Paulo. A PM matou, no período compreendido entre 2005 e 2009, 2045 pessoas, mais do que todo o corpo policial dos Estados Unidos da América junto, 1915 pessoas, no mesmo período – isto é, em um país inteiro cuja população é de aproximadamente 309 milhões de pessoas, ou 7,5 vezes maior do que a do Estado de São Paulo.

Procurada pelo **Contraponto**, a reitoria da Universidade de São Paulo, não quis dar entrevista, alegando que “os responsáveis pela Administração da USP só vão se manifestar sobre [...] questões de

segurança em geral, após o conteúdo do protocolo da atuação da PM na Cidade Universitária [...] ser aprovado pela Secretaria de Segurança Pública”. Igualmente procurados, pesquisadores do Núcleo de Estudos sobre Violência (NEV) da USP com pesquisas na área de segurança comunitária também não quiseram dar entrevista sobre o caso.

“Versão oficial” repercute o caso

“A perda de nosso colega estudante escancara de maneira lamentável a necessidade de se debater a segurança no cotidiano universitário”, lia-se na carta escrita pelos alunos do Centro Acadêmico Visconde de Cairu (CAVC) da FEA-USP. O documento foi entregue à reitoria na manhã seguinte ao assassinato de Felipe Ramos Paiva, durante um ato que mobilizou centenas de estudantes para reivindicar por maior segurança dentro da USP.

Para parte destes alunos, medidas preventivas, “simples e óbvias” poderiam ser tomadas para evitar crimes como o que aconteceu no dia 18 de maio, dentre elas o planejamento urbano para maior ocupação da Cidade Universitária – cujos prédios estão mal distribuídos em uma área de mais de 4 milhões de metros quadrados – e a melhoria da iluminação dos postes.

Em comunicado oficial, a reitoria lamentou o ocorrido e disse que medidas já estavam sendo tomadas para coibir a violência no *campus* que, segundo afirma, “refletem a realidade do entorno em que ele está inserido na cidade de São Paulo”.

O governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, disse que a Secretaria de Segurança Pública estaria à disposição para um trabalho em conjunto com a universidade, o que resultou no convênio feito entre o Conselho Gestor do Campus da Capital da USP, cuja principal medida adotada foi a instalação de 2 bases móveis e de um efetivo de 15 a 20 policiais militares, que farão o policiamento do *campus* Butantã pelos próximos 5 anos.

Existem mais vítimas, e de outras formas de violência, na USP

Enquanto os olhos da imprensa, e de parte da própria comunidade uspiana, se voltava principalmente à tragédia envolvendo a morte do estudante Felipe Ramos de Paiva, do curso de Ciências Atuárias, o Sindicato dos Trabalhadores da USP, em meio à repercussão, lançou em sua página da *web* (<http://sintusp.org.br/>), nota denunciando que, além da violência que salta aos olhos na sociedade, há muitos abusos sendo acobertados.

Em tom enérgico, contam o caso de uma professora que, após anos de assédio moral em sua profissão, cometeu suicídio; funcionários de um restaurante universitário que, levando restos da comida que sobrara em um dia, foram autuados em processo administrativo, acusados de “roubar comida”; e o atraso no pagamento da aposentadoria de ex-funcionários que trabalharam em regime celetista. A nota informativa pode ser acessada pelo *link* <http://bit.ly/nrOFai>.

@guizocchio e guizocchio@gmail.com

rute.pina@hotmail.com